

Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência

Rosa Maria Barros Ribeiro: recuerdos de la trayectoria formativa de la enseñanza.

Lia Machado Fiuza Fialho
Náhiry Maria Clarindo De Sousa
Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza-Brasil
José María Hernández Díaz
Universidad de Salamanca, Salamanca-Espanha

Resumo

Objetiva-se compreender como se deu o processo formativo da educadora Rosa Maria Barros Ribeiro - mulher pobre e interiorana – que conseguiu galgar escolarização e ingressar como docente do ensino superior em Fortaleza-Ceará. Desenvolveu-se uma pesquisa biográfica, amparada teoricamente nos pressupostos da história cultural e metodologicamente na história oral, que utilizou a entrevista livre como instrumento de coleta de dados – gravada, transcrita, validada e textualizada. As narrativas orais foram analisadas considerando suas subjetividades, a indissociabilidade entre o individual e o coletivo, bem como o contexto sócio histórico educacional vivenciado pela biografada (1962-2003). Rosa Maria cursou o primário em escola de freiras, conseguiu o ensino secundário em colégio particular, envolveu-se com grupos da igreja católico, militou no movimento negro e cursou mestrado e doutorado em Educação. Experiências fundamentais para seu ingresso como docente no ensino superior.

Palavras-chave: Formação docente; Biografia; Educação de mulheres.

Resumen

El objetivo es entender cómo fue el proceso educativo de la educadora Rosa María Barros Ribeiro - una mujer pobre y rural - que logró ir a la escuela y comenzar a enseñar en la educación superior en Fortaleza-Ceará. Se desarrolló una investigación biográfica, apoyada teóricamente en los supuestos de la historia cultural y metodológicamente en la historia oral, que utilizó la entrevista como un instrumento de recopilación de datos - grabada, transcrita, validada y textualizada. Las narraciones orales se analizaron teniendo en cuenta sus subjetividades, la inseparabilidad entre lo individual y lo colectivo, así como el contexto educativo y social experimentado por la biografada (1962-2003). Rosa María asistió a la educación primaria en una escuela de monjas, obtuvo educación secundaria en una escuela privada, se involucró con grupos de la iglesia católica, trabajó en el movimiento negro y asistió a una maestría y un doctorado en Educación. Experiencias fundamentales para su admisión como docente en educación superior

Palabras clave: Formación del profesorado; Biografía; Educación de la mujer.

Introdução

Essa pesquisa intersecciona duas áreas coexistentes do conhecimento, a História e a Educação, por trabalhar no campo da história da educação e, mais especificamente, da educação de mulheres (VASCONCELOS; FIALHO; MACHADO, 2018). A história das mulheres importa cientificamente, pois parte da compreensão de que o feminino foi invisibilizado pela predominância de histórias masculinas, gerando injustiças à importância histórica das mulheres (PINSKY, PEDRO, 2012). Segundo Perrot (1988, p. 185), homens escrevem a história no masculino, em decorrência, no campo econômico, “a história ignora a mulher improdutiva”, socialmente, “ela privilegia as classes e negligência os sexos”, na esfera “cultural ou mental, ela fala do Homem em geral, tão assexuado quanto a Humanidade. [...] as mulheres alimentam as crônicas da pequena história, meras coadjuvantes da História”.

Com efeito, têm-se dois horizontes primordiais, a necessidade de consolidar a discussão do feminino nas pesquisas científicas e a urgência de discutir sobre a história da educação de mulheres, neste estudo, partindo da compreensão acerca das trajetórias educativas de professoras, por meio de uma pesquisa biográfica (FIALHO; DUKE, 2019). A biografia de mulheres permite lançar luz à mulher considerando singularidades e pluralidades de um sujeito histórico que participou ativamente das transformações sociais, mas que foi relegado aos porões da memória (FIALHO; VASCONCELOS; SANTANA, 2015).

Rosa Maria Barros Ribeiro, doravante Rosa Maria, foi a mulher biografada nesse estudo. Formada em Filosofia e doutora em Educação, Rosa Maria é professora adjunta da Universidade Estadual do Ceará, possui 15 anos de experiência na docência, e foi selecionada por possuir uma trajetória formativa singular que permite discutir a educação feminina no Ceará das décadas de 1960-80, ensejando lume as limitações e desafios impostos às mulheres pobres para galgarem níveis mais elevados de educação formal e ascenderem ao ensino superior como docentes universitárias.

Questionou-se como uma menina nascida no interior do Ceará, proveniente de família humilde, conseguiu marcar alto nível de educação formal e ingressar como docente universitária. Para desvelar essa problemática desenvolveu-se um estudo com o objetivo de compreender como se deu o processo formativo da educadora Rosa Maria Barros Ribeiro - mulher pobre e interiorana - que conseguiu galgar escolarização diferenciada e ingressar como docente do ensino superior em Fortaleza-Ceará.

Desenvolveu-se um estudo do tipo biográfico (DOSSE, 2015), pautado nos pressupostos teóricos da história cultural (BURKE, 1992; CERTEAU, 1982), amparado metodologicamente na história oral (ALBERTI, 2010). Esse destacou que a trajetória educativa de Rosa Maria perpassa por uma educação primária católica e repressora de cunho tradicional, consoante ao contexto da Ditadura Militar; um ensino secundário em colégio particular elitista, que cobrava mensalidades não acessíveis a maior parte da população feminina cearense destinada a interromper os estudos ao fim do ensino primário; um engajamento político por meio do grupo religioso Juventude Católica, que pregava a luta pela justiça social; um desapontamento com as ideias conservadoras e acríicas disseminadas na Renovação Carismática Cristã e com sua atuação burocrática na secretaria do Partido dos Trabalhadores; o encontro com o movimento negro, que a impulsionou a prosseguir nos estudos; formação em Teologia e Filosofia, com mestrado e doutorado em Educação; múltiplas experiências de ensino que envolviam contratos temporários e mudança de domicílio entre cidades; e, por fim, o ingresso como docente efetiva da Universidade Estadual do Ceará. Com efeito, o processo formativo da educadora Rosa Maria permite refletir sobre nuances educacionais transcorridas na história da educação, ampliando a compreensão acerca da educação das mulheres.

Biografar a educadora Rosa Maria, mediante um estudo científico, foi relevante porque sua história de vida possibilitou não apenas visualizar uma trajetória individual, mas ampliar a compreensão sobre a história da educação cearense, na medida em que se discute seu percurso formativo imbricado no contexto sócio educacional de sua época. Logo, além de preservar a história e memória de uma educadora que colaborou com a formação de inúmeros jovens, o que já seria importante, lança-se luz a barreiras educacionais que relegaram muitas meninas interioranas e pobres do Ceará ao analfabetismo.

Metodologia

A história cultural ampara teoricamente o estudo sob a perspectiva da terceira fase dos Annales, que ensejou lume a fragmentação e a valorização das narrativas históricas, rechaçando a história única e universal contada pelos donos do poder (DOSSE, 2015). Tal corrente criticou a história heroica e as biografias de reis, eclesiásticos e demais poderosos, ao tempo em que valorizou a história do cotidiano, tecida por qualquer sujeito: mulheres, homossexuais, negros etc. (BURKE, 1992). Desde os Annales, amplia-se a

Biografia da professora Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência

compreensão de fontes históricas, passando-se a levar em consideração todo vestígio que conta a história dos sujeitos: cartas, bilhetes, utensílios, documentos pessoais, diários, depoimentos etc. (CERTEAU, 1982).

Um novo paradigma é estabelecido, no qual a memória pessoal ganha um significado cada vez maior para a memória coletiva, ou seja, é a análise da vida individual indissociada do coletivo (FIALHO; LIMA; QUEIROZ, 2019). Biografar é uma tarefa que permite ressignificar a mulher imersa no contexto social valorizando-a, pois, partindo de uma leitura profunda e cuidadosa sobre sua singularidade, é possível “contribuir para a produção de conhecimento acerca da sociedade, seus valores e práticas também por meio das trajetórias de vida particulares de sujeitos e memórias “comuns”, individuais ou coletivas.” (NUNES, TEIXEIRA, MACHADO, 2017, p.19).

Loriga (2011) leciona que ao permitir reduzir a lente de análise, com foco em indivíduos e contextos específicos, possibilita-se analisar nuances singulares não captadas em pesquisas quantitativas macro históricas. Todavia, a biografia possui natureza qualitativa, já que procura compreender aquilo que não poderia ser quantificado, como atitudes, crenças e valores (MINAYO; GOMES, 2011). É significativa porque “ao conseguir delinear as características individuais do biografado, apresentam uma relação dialética entre o contexto social e a atuação de aproximação ou distanciamento do indivíduo desse contexto” (LEITE, 1984, p. 12).

A biografia de Rosa Maria considerou como fonte principal as suas oralidades, valorizando a narrativa feminina sobre sua educação e formação profissional, considerando sua posição de mulher docente universitária. As memórias de Rosa Maria foram o substrato, pois “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” (BOSI, 1994, p.55). Afinal, a constituição da identidade dos sujeitos está intimamente ligada a memória (ALBERTI, 2010).

As narrativas de Rosa Maria foram coletadas mediante a metodologia da história oral, com a utilização de entrevistas livres (MEIHY; HOLANDA, 2007). A história oral se constituiu em uma metodologia para estudo da história a partir do século XX, portanto, é contemporânea, e “[...] consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente.” (ALBERTI, 2010, p.155).

“A evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira” (THOMPSON, 2002). A partir da História Oral tomamos conhecimento acerca da vida de Rosa Maria, mulher que desenvolveu mecanismos de superação para galgar uma formação educacional diferenciada, que a possibilitou o ingresso na docência universitária. Desvelam-se memórias de uma vida que “[...] permite que se desperte no presente realidades diversas do passado que foram ignoradas ou ofuscadas pelos “donos do poder” que ainda imperam numa sociedade patriarcal, como é o caso do Brasil” (XAVIER; XAVIER, 2014, p.138-139).

Por se tratar de pesquisa envolvendo seres humanos, submeteu-se o projeto do estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa, que recebeu parecer favorável de número 2.585.705, em 06 de abril de 2018. Posteriormente, realizou-se entrevista livre em história oral com Rosa Maria, no dia 18/02/2019, na Universidade Estadual do Ceará (lôcus de trabalho da biografada), após a sua assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, que explicava o objetivo da pesquisa, bem como a metodologia, forma de participação da entrevistada, possíveis riscos, liberdade de recusa, participação voluntária, *publicização* das oralidades em trabalhos científicos, dentre outros aspectos éticos.

Formação educacional e atuação profissional da biografada Rosa Maria Barros Ribeiro

Rosa Maria Barros Ribeiro nasceu em 1962, em Itapipoca, cidade do interior do Ceará, e, ainda muito pequena, com 3 anos de idade, mudou-se para Caucaia, um município da região metropolitana de Fortaleza. O início da sua escolarização se deu de forma tardia, tendo em vista que à época ainda não se tinha consolidado a Educação.

Bom, eu comecei a estudar tarde, porque no meu tempo não existia essa Educação Infantil. Na minha época a gente começava com a alfabetização, aí eu comecei a estudar já na alfabetização, com 7 anos de idade, e eu estudei o que a gente chamava de primário, era da alfabetização até a 4ª série. (RIBEIRO, 2019).

O relato da educadora evidencia que ela começou a estudar em 1969, aos sete anos de idade, para cursar a alfabetização. Segundo Kuhlmann (2000, p.8), “até meados da década de 1970, as instituições de educação infantil viveram um lento processo de expansão, parte ligada aos sistemas de educação”, logo, não era comum a oferta da

Biografia da professora Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência

educação infantil no Ceará. Afinal, a educação infantil no Brasil foi instituída apenas na década de 1990 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

A biografada narra como foi sua educação primária:

[...] era aquele ensino muito tradicional, naquela época[...] a gente era educado para ficar quieto na sala de aula, então a gente ficava lá quietinho, terminava a aula – mesmo que a gente ficasse ali e não gostasse nenhum pouco, ou não sentisse prazer, [...] mas a gente não falava nada, a gente não ia se revoltar, não ia se colocar contra o professor ou a aula não, a gente se submetia a aquilo dali. (RIBEIRO, 2019)

Como se pode observar desde o relato de Rosa Maria, a educação era permeada pelo autoritarismo dos professores em sala de aula, com uma forte necessidade de controle disciplinar sobre os alunos, que os impediam de se expressar. A opressão era ainda mais latente por causa do período político no qual o Brasil vivenciava, a Ditadura Militar. Este regime amparava ideologicamente o nacionalismo, a valorização da disciplina, o ensino mnemônico e acrítico e a subserviência incontestável (SILVA, 2012, p.2). Dessa maneira, os alunos não conseguiam enxergar possibilidades de mudar o que estava posto, sendo assujeitados em um ensino verticalizado, centrado na figura do professor, no qual os alunos se viam silenciados, apáticos, imersos em uma educação descontextualizada e pouco atrativa (FIALHO; MACHADO; SALES, 2014).

Rosa Maria relembra que, devido a esse tipo de ensino, ela se sentia desconfortável, culpada e tolhida por estar em uma sala de aula e mesmo assim não conseguir compreender os conteúdos. *“Eu me culpava, eu achava que era eu que não gostava, que não conseguia aprender. Mas eu não percebia, a gente não enxerga como criança que o problema pode estar do outro lado” (RIBEIRO, 2019)*. Acrescenta que a pedagogia tradicional afetou a sua auto-estima, pois ela passou a acreditar que o problema não era da autoridade docente, a professora, ou de sua maneira de ensinar, mas uma fraqueza e incompetência sua.

Porém, mesmo com todas essas experiências educacionais negativas, a biografada relembra com carinho a sua escola,

Eu estudava numa escola de freiras, o Patronato Santa Maria, bem pequenininha, mas muito agradável aí tinha um campo com um espaço assim do lado, que a gente brigava, brincava, brigava (risos), era a maior confusão. Tinha merenda escolar também, assim, era bem legal (a estrutura física). (RIBEIRO, 2019)

Rosa explica que o ambiente físico era acolhedor, mas que vivenciou uma educação rígida, de cunho católico, até os seus 12 anos de idade, quando mudou de escola para cursar a 5ª série, primeira do curso secundário, não ofertada no Patronato Santa Maria. Para dar continuidade aos estudos, ingressou no colégio Luzardo Viana, escola privada que cobrava mensalidades dos alunos.

A oportunidade de estudar no Luzardo Viana era restrita, poucos podiam pagar as mensalidades para que seus filhos tivessem acesso ao colégio. No caso de Rosa Maria a situação seria esta, não fosse o fato de seu pai trabalhar na cantina vendendo lanches e conseguir custear estudos. Esse colégio, ainda que tradicional, era bem diferente da escola de freiras, pois sua estrutura era grande, havia muitos professores e as posturas didáticas eram variadas.

Rosa Maria, aproveitou a oportunidade nada para meninas pobres e interioranas e dedicou-se aos estudos para concluir com êxito o ensino secundário. Como boa aluna, teve a oportunidade de sua primeira experiência docente no Colégio Luzardo Viana, passando então dois anos lecionando as disciplinas Religião, Organização Social e Política do Brasil (OSPB) e Moral e Cívica. A biografada relata que os passos iniciais na docência se deram por meio da sua educação cristã e do seu forte envolvimento com a igreja católica: *“Comecei com a pastoral de juventude da igreja católica, lá pela faixa etária de uns 17 [...] , e fui trabalhar como professora em Caucaia, [...] no Colégio Luzardo Viana [...] (RIBEIRO, 2019).*

A Pastoral de Juventude que a docente cita corresponde a grupos evangelizadores da igreja católica, seguiam as orientações assinaladas pelo documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), nº 44, que estabelecia as linhas em que a igreja católica deveria trabalhar com os jovens:

Se define en ese documento que el papel de la PJB: fomentar el sentido crítico y la capacidad de analizar la sociedad, formar jóvenes para transformar las estructuras, ayudar al joven a ligar su fe con el compromiso social y político, y llevar al joven a conocer críticamente el marxismo, el capitalismo liberal y la Doctrina de la Seguridad Nacional para asumir el Humanismo Cristiano como perspectiva de superación de las estructuras sociales injustas en toda América Latina (SOFIATI, 2016, p.34).

Sua identificação com o grupo da Pastoral de Juventude foi decorrente do propósito de unificar o amor a cristo com o amor ao mundo, ao social, por meio da análise e atuação no contexto social com vistas a transformar a situação de vida dos sujeitos

Biografia da professora Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência

acometidos pelas injustiças provenientes, em especial, das desigualdades econômicas. Pregava-se que “[...] una formación integral es aquella que envuelve todos los aspectos de la vida: personal, social, política, teológica y metodológica” (SOFIATI, 2016, p. 40). A proximidade com a igreja fez com que Rosa Maria se interessasse pelo curso de Teologia, “[...] foi quando eu comecei a sair mais de Caucaia porque fui fazer Teologia ali na avenida Dom Manuel (em Fortaleza), fiz dois anos [...]” (RIBEIRO, 2019).

O curso de Teologia possibilitou que Rosa Maria iniciasse na docência, por volta de 1979, lecionando a disciplina Religião, mas logo também passou a ministrar OSPB (Organização Social e Política do Brasil) e Moral e Cívica, como explica: “[...]por ter feito teologia, trabalhei nessa escola ensinando Religião e ensinando OSPB e Moral e Cívica, que era um período da Ditadura Militar, então essa disciplina já tinha no currículo de todas as escolas [...]” (RIBEIRO, 2019).

Rosa Maria ministrava aulas nas turmas do 1º e 2º graus, etapas da educação que tiveram currículo reformulado com a lei de 1971:

Art.1º. O núcleo-comum a ser incluído, obrigatoriamente, nos currículos plenos do ensino de 1º e 2º graus abrangerá as seguintes matérias:

a) Comunicação e Expressão b) Estudos Sociais c) Ciências § 1º Para efeito da obrigatoriedade atribuída ao núcleo-comum, incluem-se como conteúdos específicos das matérias fixadas: em Comunicação e Expressão – a Língua Portuguesa; nos Estudos Sociais – a Geografia, a História e a Organização Social e Política do Brasil; nas Ciências – a Matemática e as Ciências Físicas e Biológicas (BRASIL, 1971).

OSPB e Moral e Cívica eram trabalhadas de maneira acrítica e anti-reflexiva, valorizando o patriotismo e o civismo exacerbado, e reforçando valores morais e familiares pautados na obediência e subserviência:

As relações familiares eram utilizadas para justificar o poder, a autoridade e, até mesmo, a elaboração de leis pelo presidente da república, pois o próprio livro sugere que ninguém deveria discutir com uma verdadeira autoridade. Como já foi observado, existe certa sutileza e a utilização de valores subjetivos para legitimar o excesso de autoritarismo [...] (NUNES; REZENDE, 2008, p.10.)

Na contramão, a professora Rosa Maria relata que burlava as orientações do currículo e, com sua leitura sobre Teologia da Libertação (LÖWY, 2000), seguia por outro caminho nas discussões em sala de aula. Sob essa perspectiva desenvolvia “uma ética e espiritualidade da vida como valor absoluto, contra os valores da pura produtividade, eficácia e ganância do sistema. Uma espiritualidade de resistência no interior do sistema

atual” (SOFIATI, 2013, p. 220). A biografada buscava trabalhar com discussões em sala de modo crítico e reflexivo, mesmo com disciplinas reprodutivistas, como explica:

Na verdade, eu subvertia assim, eu trabalhava totalmente o sentido contrário do que era proposto, numa direção mais crítica de Jesus Cristo homem libertador, Jesus Cristo político, Jesus Cristo Social. Então era assim, eu subvertia, não sei porque que eu tinha essa postura, [...] da justiça social de querer transformar o mundo. (RIBEIRO, 2019)

Nesse sentido, a docente trabalhava as disciplinas numa perspectiva que buscasse problematizar com os jovens as questões sociais, tais como os conflitos, a política, as desigualdades, trilhando por uma leitura mais crítica e reflexiva sobre a sociedade. Inclusive, foi nesse período que se afastou da igreja, já que esta passou a implementar e a difundir uma vertente cristã mais conservadora, a denominada Renovação Carismática Cristã, consoante ao remine ditatorial, que pregava a proximidade com o divino sem preocupação com o contexto social:

Contraopondo-se ao clima dessacralizado, plural e permissivo da cultura em geral, ela cobra de seus membros um programa de vida no qual a espiritualidade e a fidelidade doutrinal e moral católicas constituem o eixo central. Primeiro vem a transformação espiritual, as mudanças na vida familiar e profissional, a retomada das práticas de piedade, o abandono do que é mundano, o controle da sexualidade etc. [...] A tendência é a de ver o social como um projeto de moralização e isto sob o prisma de um catolicismo voltado para si mesmo. (VALLE, 2004, p. 102).

Após perceber as contradições da igreja, especialmente das ideias disseminadas pela Pastoral da Juventude e pela Renovação Carismática Cristã, Rosa resolveu dar início ao curso de Filosofia concomitante com sua atividade docente na escola Luzardo Viana.

Aí depois, quando eu rompi, (com a Pastoral de Juventude) fui pra Pastoral de Juventude do Meio Popular fazendo Filosofia [...]. E ficava fazendo Filosofia e ensinando nessa escola, eu já tinha terminado Teologia e fazia Filosofia e ensinava nessa escola, o Ensino Fundamental todinho e o Ensino Médio. (RIBEIRO, 2019).

Rosa conclui, em 1991, a graduação em Filosofia, e inicia uma experiência de trabalho como secretária no Partido dos Trabalhadores, onde permanece por 5 anos.

[...] e a gente, não só eu como todo mundo que era militante na pastoral de juventude no meio popular, saiu e foi para o PT. Da militância, aí fui para o PT e fui funcionária lá, na secretaria durante 5 anos. Era ao mesmo tempo funcionária e militante, depois de uns 5 anos no PT eu me decepcionei, me frustrei e sai. Fui para o movimento negro. (RIBEIRO, 2019).

Biografia da professora Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência

A biografada relatou que nunca gostou de trabalhar como secretária no Partido dos Trabalhadores, pois se tratava de uma atividade muito burocrática, por isso acabou se frustrando com as atividades que realizava dentro do partido. Diante deste desapontamento, Rosa Maria foi a busca de um grupo em que pudesse atuar com maior protagonismo na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, e foi o momento em que conheceu o *Movimento Negro*, que buscava criticar a forma como a população negra era tratada no Brasil.

Domingues (2007, p. 101) caracteriza o movimento como sendo, [...] a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. A problemática do racismo sempre existiu na sociedade brasileira, por sua origem escravocrata, porém, mesmo na década de 1990, muitas pessoas ainda não o enxergam como um problema real, tal modo que na constituição de 1988 o racismo ainda não era considerado crime. Pereira (2016, p.17) assinala que “[...] muitas organizações do movimento negro foram criadas em vários estados brasileiros, assim como foram criadas organizações de outros movimentos sociais que estavam na luta contra a ditadura e que defendiam o retorno da democracia em nosso país”.

Rosa Maria, na condição de mulher politizada, considerava fundamental a criação de grupos que militassem contra toda forma de racismo e desigualdade vivenciados pela população negra e passou a ser militante dessa causa, dedicando-se a galgar níveis mais altos de formação para que o povo negro pudesse ocupar lugares estratégicos de conscientização.

Como eu começo essa história de ser professora (universitária)? Quando eu termino o mestrado na UFC. É por isso que eu disse que tem a ver com a minha história lá no Movimento Negro, que me propicia a fazer um projeto voltado para as questões étnico-raciais na educação e entrar lá no mestrado da UFC em Educação. [...] Foi um encadeamento, a partir do Movimento Negro fui fazer o mestrado, deixo o trabalho burocrático (como secretária no Partido dos Trabalhadores) e quando eu termino o mestrado eu concorro para uma vaga de professor substituto na UFC, na área de Movimentos Sociais e Educação, aí eu passei nessa seleção e foi a minha primeira experiência como professora da universidade. A minha identidade como professora, a minha constituição como professora ela está totalmente arraigada, totalmente relacionada com minha experiência de militante (RIBEIRO, 2019).

Com o relato de Rosa Maria, pode-se compreender a importância da militância no Movimento Negro no processo formativo da educadora, pois essa vivência foi essencial para constituir sua identidade docente. Inclusive, ela levou tais discussões para as disciplinas que ministrou, em 1995, na UFC:

O contrato terminou porque era só de um ano, mas eu trabalhei três disciplinas na Pedagogia e uma na Educação Física, que na Pedagogia tinha a disciplina de Movimentos Sociais e Educação e ali eu fui trazendo toda a minha bagagem, minha experiência. No programa da disciplina não tinha nada de Movimento Negro e eu introduzi, foi uma experiência de assumir mesmo, tomar a frente disso. (RIBEIRO, 2019).

Rosa Maria se identificou muito com a docência superior, no entanto, seu contrato acabou e ela ficou desempregada, ocasião em que apareceu um concurso na cidade do Crato e ela mudou-se para ser professora bolsista na Universidade Regional do Cariri. Salienta-se que o indivíduo é sujeito de escolhas, mas também sofre influências dos padrões que já estão postos na sociedade. Logo, os caminhos percorridos são frutos de uma relação indissociável entre anseios pessoais e possibilidades contextuais diante de uma sociedade previamente já organizada e normatizada (FIALHO; VASCONCELOS, 2019). Foi nesse contexto de ambiguidade que Rosa Maria se viu induzida a mudar de cidade e buscar uma renda para colaborar com as despesas familiares, ainda que atuando na educação básica.

Ciente da importância que um curso doutoral tinha para o ingresso como docente no curso superior, ela começou desejar o doutorado em outro Estado,

Eu fui participar da seleção de doutorado na Unicamp. Na Unicamp eu entrei em 1997 no doutorado, fui para a linha de pesquisa Gepec. [...] Minha preocupação era mais a questão da prática docente, como que o professor inseria a problemática racial na sua prática docente. (RIBEIRO, 2019).

A professora iniciou seu doutorado na Universidade de Campinas (Unicamp) sob orientação de Geraldi, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (Gepec), em tempos em que essa possibilidade era inacessível para maioria dos nordestinos por questões econômicas (CALDAS, SAMPAIO, 2015). Para isso, mudando-se para São Paulo, onde passou dois anos. No entanto, no meio do curso, retornou para Fortaleza, pelo fato de que a professora se viu em momentos de instabilidade emocional: “[...] entrei em crise, [...] Misturei uma crise epistemológica, a crise pessoal, assim, fiquei numa crise mesmo, no meio do doutorado”. (RIBEIRO, 2019).

Biografia da professora Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência

Além de Rosa Maria ter engravidado e não visualizar condições psicológicas de criar seu filho sem apoio familiar, ela ainda enfrentava o fato de o grupo de pesquisa não trabalhar com questões raciais, como gostaria de pesquisar, ainda que sua orientadora fosse muito sensível à temática e tivesse aceitado lhe orientar. Destaco que são muitas as dificuldades que perpassam a vida de imigrantes, pois “a diversidade cultural se constitui em um problema, ali, onde a convivência humana é marcada por conflitos dramáticos, motivados por preconceitos e discriminações étnicas, de gênero, de preferências sexuais, de gerações e outros” (GONÇALVES; SILVA, 2001, p. 25). Especialmente no que concerne as diferenças entre o nordeste e o sudeste do país, ensejando superioridade aos costumes desta última região, e ensejando aos nordestinos preconceito e desprezo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007). Todavia, Rosa Maria relata que tais fatores não foram preponderantes, pois o motivo determinante do seu retorno para Fortaleza foi a instabilidade emocional gerada pelo distanciamento familiar e a gravidez.

Rosa concluiu o doutorado em 2001, e, após ter passado um período lecionando na Faculdade de Educação (Faced) em Itapipoca, a docente foi aprovada no concurso para professora efetiva da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

[...] em 2001 terminei o doutorado [...]veio a oportunidade para fazer a seleção de professora substituta na Faced em Itapipoca, foi também maravilhoso. Mas eu ficava indo e vindo com dois meninos pequenos, aí foi ruim por isso. [...] quando eu estava em Itapipoca veio um concurso para professor efetivo, tinha a mesma área de pesquisa, [...] Pesquisa Educacional, [...] na UECE, [...] em 2003 eu me efetivei aqui, então já está com 15 anos. (RIBEIRO, 2019).

Rosa Maria, em 2003, torna-se docente efetiva do ensino superior na UECE, após longa trajetória formativa. Sua estabilidade possibilitou que ela militasse por um currículo que incluísse as questões étnico-raciais, bem como por ampliar as discussões no tocante à mulher negra ao desenvolver atividades e sensibilizar alunos e professores. Pois Rosa acredita que “[...] o debate étnico-racial foi ampliado nas últimas décadas, mas no qual há ainda um quadro incipiente de formulações analíticas consensuais no campo acadêmico, assim como de proposições inclusivas no campo das políticas públicas [...]” (SANTOS; SCOPINHO, 2015, p. 168).

Como a biografia aqui desenvolvida possui foco na formação educativa de Rosa Maria, ainda que sua história de vida não se encerra ao ingressar na UECE, o recorte temporal do estudo foi contemplado. Inclusive, foi possível visualizar e refletir a trajetória

formativa percorrida pela biografa – mulher pobre e interiorana – para que se tornasse uma professora universitária. Os caminhos conflitantes e as barreiras superadas por Rosa Maria permitiram refletir sobre: a educação religiosa em colégio de freiras, que resguardava a mulher dos problemas políticos e sociais; a dificuldade uma pessoa pobre conseguir cursar o ensino secundário, ofertado apenas de maneira privada e em algumas poucas cidades do interior; as práticas educacionais do período ditatorial que fomentava uma educação acrítica e descontextualizada centrada no nacionalismo, em práticas mnemônicas e na valorização da disciplina com o disciplinamento dos corpos; a importância dos grupos religiosos e do movimento negro na formação os jovens; as dificuldades para uma moça nordestina pobre galgar alto nível de escolarização e o ingresso na docência superior em instituição pública de ensino.

Considerações Finais

A temática abordada neste estudo trouxe à baila a biografia de uma mulher educadora como assunto de valor para a pesquisa científica, pois abordou a história de vida de professora, classe que teve - e ainda têm - suas histórias invisibilizadas por uma sociedade que aprofunda as desigualdades de gênero que relega aos porões da memória a participação do feminino na atuação social educacional. Diante disso, investigar como se deu o processo formativo da educadora Rosa Maria Barros Ribeiro foi uma proposta instigante porque proporcionou conhecer a trajetória de vida da educadora, suas principais experiências educativas, bem como estas influenciaram sua prática docente.

O uso da História Oral como metodologia de pesquisa favoreceu identificar os principais elementos que integraram a trajetória formativa da educadora Rosa Maria, de modo que foi possível perceber sua relação com a religiosidade, participando de grupos de jovens na Pastoral de Juventude por meio da igreja católica, e o seu forte envolvimento com o Movimento Negro como principais influências para o desenvolvimento de seu mestrado e doutorado, bem como a repercussão nas suas práticas como professora universitária. Dessa forma, a docente realizava dentro de sala de aula discussões sobre uma educação política e trazia para as turmas que lecionava o debate sobre as desigualdades, as questões raciais e o preconceito, contribuindo para a formação crítica dos seus alunos.

Realizar um estudo de cunho biográfico sempre será um enorme desafio para o pesquisador, pois narrar uma vida é interpretar o que é dito e os silêncios. O individual no

Biografia da professora Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência

imbricamento com o coletivo, indissociados dos contextos social e educacional. Ademais cuidou-se para não fomentar uma narrativa linear descontextualizada, ou seja, para que o enredo não se resuma a narrativa pela narrativa, mas perpassasse pelas singularidades da biografada integrante de uma coletividade, lançando luz ao contexto social.

O trabalho não pretendeu discutir ou apresentar toda a vida da biografada, mas centrou ênfase na sua formação educacional que possibilitou o ingresso como docente universitária. Abre-se, pois, a possibilidade para que outras pesquisas sejam realizadas partindo de outras temporalidades, perspectivas e análises, que podem - pela própria natureza da pesquisa biográfica - se desvelar distintas entre si, ainda que partindo de um mesmo sujeito de pesquisa.

Sabe-se que um estudo biográfico não é generalizável, ainda que elucidativo de uma dada realidade, com efeito, buscou-se desenvolver um fazer biográfico em que a escrita biográfica lançasse luz à biografada e ao contexto histórico-educacional protagonizado por ela, evidenciado que a prática docente reflete uma trajetória formativa que se inicia na infância e transcorre toda a vida, já que os saberes docentes são reelaborados dinamicamente desde as vivências de cada ser.

Referências

ALBERTI, V. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010, p.155-202.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

BOSI, E. **A pesquisa em memória social**. Psicologia USP, v.4, n.2, São Paulo, 1993.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 23 de ago.2019.

BURKE, P. **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

CERTEAU. M. **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DOSSE, F. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

CALDAS, R. M.; SAMPAIO, Y. S. A. Pobreza no nordeste brasileiro: uma análise multidimensional. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 19, n. 1, 2015, p. 74-96. Disponível

em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rec/article/view/24074/13323>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

DOMINGUES, P. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**. v. 12, n. 23, 2007, p. 100-122. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>>. Acesso em: 15 de jun. 2019.

FIALHO, L, M, F, F, VASCONCELOS, J, G; SANTANA, J, R (orgs). **Biografia de mulheres**. Fortaleza: EdUece, 2015.

FIALHO, L. M. F; DUKE, D. Mulheres na História da Educação: formação e profissionalização. **Educacao Unisinos**, v. 23, p. 3-7, 2019. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/index>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

FIALHO, L. M. F.; LIMA, A. M. S.; QUEIROZ, Z. F. Biografia de Aída Balaio: prestígio social de uma educadora negra. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 23, p. 48-67, 2019.

FIALHO, L. M. F.; VASCONCELOS, J. G. Percepções de jovens em conflito com a lei privados de liberdade: educação e socialização. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 21, p. 126-144, 2019.

FIALHO, L. M. F; MACHADO, C. J. S; SALES, J. A. M. As correntes do pensamento geográfico e a Geografia ensinada no Ensino Fundamental: objetivos, objeto de estudo e a formação dos conceitos geográficos. **Educação em Foco**, v. 17, p. 203-224, 2014. Disponível em: <http://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/432>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

KUHLMANN, M. Histórias da Educação infantil brasileira. **Revista brasileira de educação**, São Paulo, 2000, p. 1-15. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a02.pdf>>. Acesso em: 27 de jul. 2019.

MEHHY, J, C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

LEITE, M. L. M. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura (1887-1945)**. São Paulo: Ática, 1984.

LÖWY, M. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

Biografia da professora Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência

MINAYO, M. C. S.; GOMES, S. F. D. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

NUNES, M, L da S; TEIXEIRA, M, M, MACHADO, C, J, dos S (Orgs). **Eu conto, você conta: leituras e pesquisas (auto)biográficas**. Fortaleza: EdUECE, 2017.

NUNES, N.; REZENDE, M. J. O Ensino da Educação Moral e Cívica durante a ditadura militar. In: III Simpósio Lutas Sociais na América Latina. Londrina: Anais do III Simpósio, p. 1-11, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/terceirosimposio/natalynunes.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2020.

PEREIRA, A. A. O Movimento Negro Brasileiro e a Lei Nº 10.639/2003: da Criação aos Desafios para a Implementação. **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 11, n. 22, ago/dez de 2016. Disponível em:<<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/3452/7577>>. Acesso em: 26 de out. 2019.

PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução de Denise Bottmann. 7. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PINSKY, C.B.; PEDRO, J. M. **Nova história das mulheres**. São Paulo: Cortez, 2012.

RIBEIRO, Rosa Maria Barros. **Entrevista concedida a SOUSA, N. M. C**. Fortaleza, 2019.

SANTOS, E. F.; SCOPINHO, R. A. A questão étnico-racial no Brasil contemporâneo: notas sobre a contribuição da teoria das representações sociais. **Psicol. saber soc.** v. 4, n. 2, p. 168-182, 2015.

SILVA, A. P. **O Embate Entre A Pedagogia Tradicional E A Educação Nova: Políticas E Práticas Educacionais Na Escola Primária Catarinense (1911-1945)**. IX ANPED SUL, Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012, p. 1-16). Disponível em:<<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/ganpedsul/paper/viewFile/1259/13>>. Acesso em: 23 de nov.2019.

SOFIATI, F. M. Los jóvenes de la teología de la liberación: el caso de la Pastoral de la Juventud de Brasil. **Revista Cultura y Religión**, vol. X, nº 1, 2016. p. 31-48.

SOFIATI, F. M. O novo significado da “opção pelos pobres” na Teologia da Libertação. **Tempo Social**, v. 25, n. 1, 2013.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VALLE, E. A Renovação Carismática Católica: algumas observações. **Estudos Avançados**, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a08v1852.pdf>>. Acesso em 15 de jun. 2019.

VASCONCELOS, L. M.; FIALHO, L. M. F.; MACHADO, C. J. S. Facetas da (im)potência viril na Revista Careta: educação e masculinidades no Estado Novo (1937-1945). **Acta Scientiarum Educatio**, v. 40, p. 1-12, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/issue/view/1499/showToc>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

XAVIER, R, S; XAVIER, L, C do V. Maria Diocleia Cordeiro da Costa: Retalhos biográficos e trajetória educativa. In: FIALHO, L, M, F; MACHADO, C, J, dos S; ALMEIDA, G, M de A; SANTANA, J, R (Orgs). **Ensaios de memórias e oralidades**. Fortaleza: Edições UFC, 2014, p.125-141.

Sobre os autores

Lia Machado Fiuza Fialho

Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, Pós-doutorada em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, Pós-doutoranda em Educação pela Universidade de Salamanca. Professora Adjunta do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UECE). Líder do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas Memórias e Oralidades - PEMO. Editora da revista Educação & Formação do PPGE/UECE.

E-mail: lia_fialho@yahoo.com.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0393-9892>

Náhiry Maria Clarindo De Sousa

Graduanda em Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). Participa do grupo de estudos Práticas Educativas, Memórias e Oralidades e do grupo Educação de Mulheres nos séculos XIX e XX.

E-mail: nahiry.clarindo@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2401-6886>

José María Hernández Díaz

Doctor em Educación por la Universidad de Salamanca (USAL). Catedrático de Teoría e História de la Educación. Coordinador del Programa de Doctorado en Educación por la Universidad de Salamanca. Director de História de la Educación – Revista Interuniversitaria. Director de AULA – Revista de Pedagogía de la Universidad de Salamanca. Director del Grupo de Investigación GIR: Helmántica Paideia.

E-mail: jmhd@usal.es

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7604-1544>

Recebido em: 01/03/2020

Aceito para publicação em: 06/03/2020